

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

Madelaine Aparecida Campos

UM OLHAR ALÉM DO SOL

MATINHOS

2024

MADELAINÉ APARECIDA CAMPOS

UM OLHAR ALÉM DO SOL

Monografia de estágio apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências, Setor de Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Ciências.

Orientador: Prof. VITOR FABRÍCIO MACHADO SOUZA

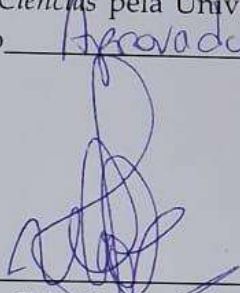
MATINHOS

2024

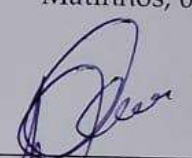
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora realizaram em 04/03/2024 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **MADELAINE APARECIDA CAMPOS**, sob o título "**UM OLHAR ALÉM DO SOL**", como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante sido Aprovada.

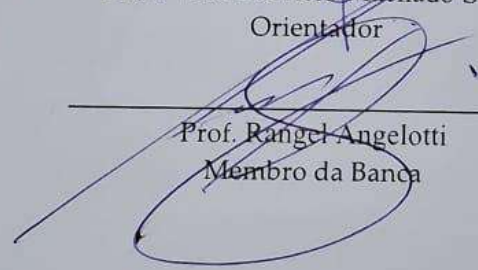
Matinhos, 07 de março de 2024.



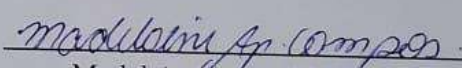
Prof. Vitor Fabricio Machado Souza
Orientador



Profa. Denise Aparecida Lima Pereira
Membro da Banca



Prof. Rangel Angelotti
Membro da Banca



Madelaine Aparecida Campos
Estudante

DEDICATÓRIA

Dedico estas palavras a uma pessoa mais que especial, minha querida mãe, Aparecida de Oliveira Campos, por ser uma grande amiga em minha vida, e o maior exemplo de pessoa dedicada, esforçada e guerreira, que sempre me mostrou o melhor caminho. Foi através dela que vi que poderia ser capaz de estar aqui hoje. Também dedico ao meu marido Diogo meus filhos, Hugo e Rian, a minha família, e amigos, pois foi por causa de cada um deles que persiste ao longo desse processo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela oportunidade de chegar até aqui. Agradeço também aos professores, que me ajudaram nesse processo. Agradeço a cada amigo que fiz ao longo dessa caminhada pois com a ajuda e paciência deles que pude aprender fazendo.

RESUMO

Sempre fui uma pessoa esforçada, pois muitos foram os desafios em minha vida e a faculdade foi mais um deles, mas com muitos desafios, com aprendizados que vou levar para uma vida toda. Ser uma professora nos dias de hoje não é fácil. Exige muito compromisso, dedicação, e amar realmente o que se faz. Não lidamos só com alunos mas com jovens em desenvolvimento e que cada movimento que fazemos dentro da educação na sala de aula, será refletido por eles. O mais importante para esta profissão é sempre refletir, se seus objetivos estão sendo alcançados, para que não se perca no meio do caminho. Esta monografia mostra que com muita reflexão e aprendizados pude alcançar meus objetivos e ver que sempre podemos parar e pensar para que possamos alcançar o esperado quando temos foco e determinação.

Palavras-chave: conhecimento, reflexão, formação da docência.

ABSTRACT

I have always been a hardworking person, as there have been many challenges in my life and college was another one of them, but with many challenges, with lessons that I will carry with me for the rest of my life. Being a teacher these days is not easy. It requires a lot of commitment, dedication, and really loving what you do. We not only deal with students but with young people in development and every move we make within education in the classroom will be reflected by them. The most important thing for this profession is to always reflect on whether your goals are being achieved, so that you don't get lost along the way. This monograph shows that with a lot of reflection and learning I was able to achieve my goals and see that we can always stop and think so that we can achieve what we expect when we have focus and determination.

Keywords: knowledge, reflection, teaching training.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 - FOTO. Minha foto no fundamental I, fantasiada de florzinha para um desfile da cidade.

FIGURA 2 - FOTO. Fundamental II. colégio Mustafá Salomão.

FIGURA 3 - FOTO. Formatura ensino médio.

FIGURA 4 - FOTO. Minha mãe, eu e meu irmão no meu primeiro dia de aula.

FIGURA 5 - FOTO: Eu e minha amiga Sharon, na primeira saída do setor na segunda semana de aula antes da pandemia.

FIGURA 6 - FOTO. Aula online, segundo semestre.

FIGURA 7 - FOTO. Dia de estágio com os alunos e a professora.

FIGURA 8 - FOTO. Foto tirada no estágio III.

FIGURA 9 - FOTO. Aula com o boneco anatômico do colégio.

FIGURA 10 - FOTO. Turma que aplicamos nossa aula.

FIGURA 11 - FOTO. Aula sobre sistema digestivo.

FIGURA 12 - FOTO. kit experiência termologia.

FIGURA 13 - FOTO. kit experiência termologia.

FIGURA 14 - FOTO. Turma do Pibid de 2023, professora Ceila, professor Vitor e colegas da faculdade Jonathan e Juliano.

FIGURA 15 - FOTO. Turma do colégio Abigail dos Santos Correia, 7 ano C.

FIGURA 16 - FOTO. Sala de aula 7 ano c com a atividades em mãos.

FIGURA 17 - FOTO. Montagem dos experimentos, em sala de aula.

FIGURA 18 - FOTO. Saída de campo eco sorriso em curitiba são José dos Pinhais.

FIGURA 19 - FOTO. Saída de campo para conhecermos o tratamento de água, de matinhos e visita ao cem (centro de estudos do mar).

FIGURA 20 - FOTO. Saída de campo para Palhoça SC. visita na (PRÓ CREP).

FIGURA 21 - FOTO. Saída de campo para a comunidade do rio da onça em matinhos PR. pág. 54

FIGURA 22 - FOTO. Saída de campo para a aldeia indígena na ilha da cotinga, em Paranaguá PR.

FIGURA 23 - FOTO. Saída de campo para aldeia guarani em mandirituba curitiba PR. pág. 56

FIGURA 24 - FOTO. Saída para o rio de janeiro, jardim botânico. pág. 57

.

SUMÁRIO

1.	MEMORIAL	16
2.	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	24
	2.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO 1	27
3.	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	29
	3.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO II	31
4.	ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	32
	4.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO III	36
5.	ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	38
	5.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO IV	40
6.	PIBID	42
7.	SAÍDAS DE CAMPO	49
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	
9.	REFERÊNCIAS	

1 MEMORIAL

Meu nome é Madeleine Aparecida Campos, sou natural de Londrina, Paraná e tenho 32 anos de idade. Minha mãe se chama Aparecida de Oliveira Campos e meu pai é desconhecido. Tenho três irmãos: Wagner Aparecido Campos, Jonathan Campos Dornelles, e Jefferson Campos Dornelles. Hoje sou casada com Diogo da Cruz Correia Borges e tenho dois filhos: Hugo Pedro Campos Borges e Rian Gustavo Campos Borges.

Como havia dito, nasci em Londrina, mas não vivi lá. Com algumas semanas de vida, minha mãe se mudou para o norte do Paraná. Ficamos lá por alguns anos, mas quando eu completei quatro anos, a gente acabou se mudando para Matinhos, no balneário praia grande - casa dos meus avós por parte do meu padrasto - junto com meus tios. Ali foi onde tive o primeiro contato com a educação. Minha mãe me colocou na escola Monteiro Lobato, que fica até hoje ali no balneário da praia grande. Só me lembro que minha mãe ia me buscar de bicicleta. Depois de alguns meses, nós fomos morar no balneário Albatroz, também em Matinhos. Foi quando eu mudei de escola, indo para Elias Abrahão, que fica no balneário currais antigo balneário Perequê, antes de reformularem a localização. Na escola Elias, lembro das amizades das quais muitas tenho até hoje. Lembro de uma professora muito especial, a Aninha, pois graças a ela eu aprendi a ler pois sempre tive dificuldades na "leitura". O principal ela que me ensinou, sempre disposta a ensinar e nos ensinava com muito amor e paciência. Lembro de um desfile que fizemos no aniversário da cidade onde me vestiram de florzinha. Foi bem legal participar de algo tão importante naquela época. Teve minha formatura de quinto ano, em seguida minha mudança para a escola Abigail Santos Correa que também é aqui em Matinhos, ao lado do Monteiro Lobato no balneário praia grande. Foi bem difícil pois queria ir para a escola Mustafá Salomão onde todos os meus amigos tinham sido matriculados. Mas minha mãe disse que era para eu poder olhar meus irmãos mais novos para ela poder trabalhar mais sossegada. Não queria mas não tive escolha a não ser ficar ali. Nessa escola aprendi o xadrez, por que o espaço era muito pequeno e não tinha onde fazer educação física então aprendemos sobre muitos jogos, mas o que me identifiquei mais foi o xadrez também tivemos muitas festas legais nesta escola.

Já no sétimo ano, minha mãe me transferiu para o Mustafá, por ser mais perto de casa. Não foi o que eu esperava. Meus amigos eram diferentes e me senti rejeitada por eles. Tive muitas dificuldades em fazer novas amizades e fiquei muito perdida por não conseguir me socializar. Essa fase foi bem difícil e tive uma experiência não muito boa com uma professora. Chamávamos ela de Ed Morf, professora de matemática, mas não sei o nome real dela até hoje. Ela brigou comigo e falou muitos xingamentos sem razão. Eu adorava a matéria, mas depois dessa professora desanimei. Fazia só para tirar nota mas não aprendi muita coisa. Assim terminei o sétimo ano e o oitavo.

Já para fazer o ensino médio, minha mãe me matriculou no Gabriel de Lara, um colégio que fica no centro de Matinhos. Lá foi diferente pois conheci pessoas novas e fiz novas amizades. Foi quando comecei a trabalhar no contra turno e nos finais de semana. Porém quando estava no terceiro ano acabei abandonando a escola para trabalhar, em uma sorveteria no balneário costa azul aqui mesmo em Matinhos. Trabalhei lá por cinco anos.

Nesse meio tempo conheci o meu marido Diogo e tive meu primeiro filho com 21 anos. Com a maternidade não tinha como estudar, mas nunca pensei em desistir, consegui fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e pude concluir o terceiro ano.

Como tinha feito um trato com meu marido, de dar prioridade para ele estudar, e se formar fiquei dez anos esperando ele terminar os estudos dele e como ele acabou desistindo eu tomei a iniciativa de fazer o vestibular para Ciências que era o curso que a minha mãe estava fazendo faculdade. Ela foi a maior incentivadora para que eu fosse fazer faculdades. Foi com esse incentivo que estudei e passei no vestibular e comecei a estudar em 2020. As duas primeiras semanas foram mágicas. Tivemos apresentações no auditório e depois dos professores em sala. Teve uma saída até a praia que me marcou muito pois ali conheci a Sheron, uma pessoa incrível com uma história muito legal. Mas como tudo na vida muda, veio a pandemia da COVID 19, e fechou tudo. Aí começou um novo dilema: tornar as aulas presenciais em aula remota. Nunca tive contato com muita tecnologia e tive que aprender na prática. Essa etapa online foi muito complicada porque teve dias que não tinha internet e outros não conseguia abrir os aplicativos. Foi diferente do que eu estava pensando que iria viver dentro da faculdade.

Por causa da pandemia, muitos alunos de 2020 trancaram o curso ou desistiram e nossa turma acabou se juntando com a de 2021. Foi bom que acabamos conhecendo pessoas novas. Quando voltamos para o presencial as coisas começaram a melhorar, pois quando não sabíamos, alguma coisa ou como mexer em um aplicativo novo, sempre tinha alguém para nos ensinar.

Ao final desta jornada acredito que aprendi muito com todos, com os professores, com os amigos e com a minha família, como cada um deixa um pedacinho em cada etapa concluída.

Sou grata a essa oportunidade que vivi aqui dentro. Todas as vivências percorridas, cada saída de campo que me fez refletir meu jeito de viver, de entender o outro, e como a inclusão de todos é fundamental para uma convivência melhor, e como isso afeta o cotidiano de cada um, de ter um olhar diferente para cada situação vivida.

Na faculdade aprendi a ouvir mais e ter uma criticidade que favoreça o crescimento ou aprimoramento, dos estudos para que possamos exercer esta profissão, com um olhar mais atento para a inclusão de todos, mas acima de tudo com o respeito a todas as pessoas com ou sem alguma deficiência seja ela qual for.

Acredito que contando um pouco da minha história, o leitor e a leitora possam entender e compreender um pouco do meu processo acadêmico. Estou finalizando para mostrar a importância que teve na minha trajetória aqui. Nesse sentido mostro o meu olhar sobre as experiências vividas nos estágios obrigatórios e não obrigatórios.

Figura 1: Minha foto no fundamental I, fantasiada de florzinha para um desfile da cidade.



Fonte: foto tirada pela minha mãe Aparecida Campos.

Figura 2: Ensino Fundamental II. colégio Mustafá Salomão.



Fonte: foto tirada por minha mãe.

Figura: 3 Formatura ensino médio.



Fonte: foto da minha mãe.

Figura 4: Minha mãe, eu e meu irmão no meu primeiro dia de aula.



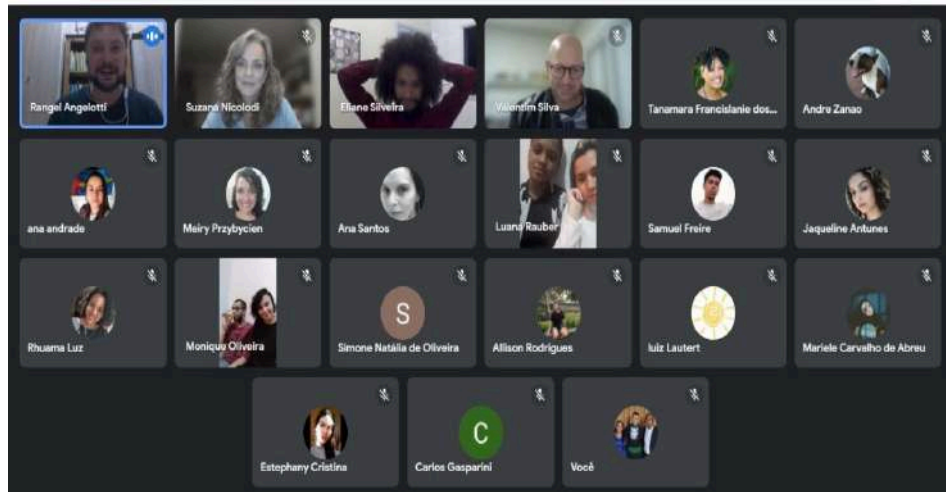
Fonte: autoria própria.

Figura 5: Eu e minha amiga Sharon, na primeira saída do setor na segunda semana de aula antes da pandemia.



Fonte: autoria própria.

Figura 6: aula online, segundo semestre.



Fonte: autoria própria.

2. ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Depois de um longo processo de documentação, com a novas normas no e-protocolo conseguimos autorização para realizar o estágio, que foi realizado no Colégio Estadual Mustafá Salomão, no ano de 2022, como professor Luiz Fernando de Carli Lautert como mediador, e como a supervisão da professora Roberta Geovanna Cavaleiro Alvim.

O Colégio Mustafá Salomão, no Município de Matinhos, compartilha a estrutura física com a escola Elias Abrahão. Todas as obras feitas para o aumento de salas e espaços, estão com defeitos ou com com muito rachaduras, por exemplo o refeitório que hoje se encontra interditado e com ameaça de cair. As salas são pequenas e com pouco espaço. Toda de alvenaria a escola contém: uma secretaria, uma sala do diretor, uma sala da secretaria, duas salas de depósito, dois banheiros, uma sala para os professores com um bom espaço, e com dois banheiros individuais para homem e mulher, além de uma mini cozinha para eles. Há também duas salas de recurso sendo um laboratório onde não é usado como laboratório mas como sala do PMA. Uma sala de informática que é bem pequena, cabe poucos alunos; uma biblioteca pequena, com pouco livros, uma sala dos pedagogos também, bem pequena, e sem ventilação e sete salas de aula, pequenas, mas com carteiras e cadeiras novas que chegaram recentemente. Também com pouca ou quase nada de ventilação, contém dois ventiladores cada sala, que ameniza o calor porém são bem barulhentos. Tem também uma cozinha (que acho muito boa) com um depósito para os alimentos individual, duas pias ligadas mas bem boas, um espaço em baixo que facilita a organização dos utensílios. Tem duas geladeiras uma não é da escola, tem dois refrigeradores verticais um também não é da escola tem três freezer horizontal, e uma câmara fria com duas portas. O refeitório é médio, pode está interditado com suspeita de cair. Há dois depósitos para os funcionários e um espaço pequeno para circulação de alunos. Um banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida e dois banheiros não adaptados.

Segundo o PPP da escola (MUSTAFÁ, 2022/2023) A escola foi autorizada a funcionar pela Resolução nº 0467/00, de 16 de fevereiro de 2000, nas dependências da Escola Municipal Pastor Elias Abrahão e, mantida pelo Governo do Estado do Paraná, primeiramente como Escola Estadual Mustafá Salomão, atendendo as

séries finais do Ensino Fundamental. A partir de 2013 o colégio passou a ofertar o Ensino Médio gradativamente a 1ª Série, em 2014 a 2ª Série e em 2015 as três séries do Ensino Médio no período noturno.

Com exceção das salas de aula e da biblioteca, as demais dependências foram construídas com verba da APMF, através da venda de materiais do Container recebidos da Receita Federal e da ajuda da comunidade (empresários, moradores e alguns pais de estudantes). Num espaço cedido pelo Posto de Saúde, localizado ao lado da escola, funciona a Biblioteca, onde está disposto o acervo bibliográfico, que os estudantes utilizam nas salas de aulas, ou por empréstimo podendo levar o livro para casa para realizarem atividades propostas pelos professores, ou por iniciativa própria.

O nome da escola foi uma homenagem a MUSTAFÁ SALOMÃO, como consta em sua carteira de Identidade para Estrangeiros, em sua Certidão de Casamento está como MUSTAFÁ SALOMÃO e MUSTAFÁ SALOMÃO em sua Certidão de Óbito. Ele era conhecido como “Seu Mustafá”, nasceu em 16/03/1895 na Síria e casou-se com Dona Orlandina Maria Negrello em 18/12/1937 na Cidade de Curitiba-Paraná, que passou a ser chamada de Orlandina Maria Salomão, conhecida e tratada carinhosamente como “Dona Iolanda”. Desta união nasceram oito filhos: Jamil, Osmen, Azis, Abdo, Nain, Zaine, Zuleide e Zeneida.

Em 1950 a família se transferiu para Matinhos como arrendatária da “Casa do Banhista”, iniciou sua vida de comerciante na cidade. Nesta época Matinhos/Caiobá era apenas uma praia deserta onde as famílias Curitibanas construíram suas casas à beira-mar perto do Pontão de Pedras de Matinhos, na “Casa do Banhista”, onde funcionava o bar, o cinema e o salão de bailes com “luz elétrica”, isto porque tinha gerador próprio. Em 1955, a família adquiriu o local e passou a explorar as instalações como “Pensão Sol Levante”. Atualmente no local, ainda de propriedade da família, funciona o “Restaurante Mustafá”, no centro de Matinhos.

O “Seu Mustafa” sempre foi uma figura muito querida tanto por moradores como pelos veranistas. Algumas condecorações já foram dadas a ele que tanto contribuiu para o desenvolvimento da cidade, dentre elas a condecoração com uma placa de prata, onde a comunidade Matinhense em 12 de junho de 1985 através da Prefeitura e Câmara Municipal lhes agradeceram “Pelos relevantes serviços prestados à comunidade”. Mustafá Salomão faleceu em 04 de setembro de 1988.

No primeiro momento conheci a escola e a professora na qual eu gostaria de fazer o estágio. A professora Roberta, me atendeu muito bem e foi bastante atenciosa, me mostrou seus planos de aula, mostrou como era feita a chamada que era através do RCO (Registro de classe online), e em seguida pude conhecer os seus espaços do colégio, e as turmas que ela lecionava. Percebi que ela utilizava o quadro, o livro, o educatran e materiais impressos em suas aulas. E mesmo com os planos de aulas pronto no RCO, ela sempre trazia algo mais para melhorar a qualidade dos conteúdos, e contribuir com o material que já estava pronto.

No início da aula havia muitos problemas com o novo método de chamada, que era através do RCO, pelo educador, ou pelo celular pessoal do professor no qual é preciso verificar o nome do aluno várias vezes e colocar cada tema que ela vai abordar assim como metodologia de aplicação. Percebi a dificuldade de escutar o que ela falava pois a um material de construção ao lado da escola e fazem muito barulho com os caminhos, máquinas e tratores, e atrapalha a explicação. E quando precisam mostrar um vídeo para os alunos, eles precisam ligar o som bem alto para poder escutar, onde acaba atrapalhando a sala ao lado.

O colégio é muito pequeno e não tem muitos espaços para os alunos. O refeitório é o espaço onde eles mais ficam, no horário de intervalo. A escola não possui quadra de esporte e quando precisam fazer uma atividade mais elaborada que precisam de espaço eles utilizam a quadra da escola ao lado, que é do município. Também pude ver como os funcionários são acolhedores e como os alunos têm um carinho muito grande por eles.

Já na sala de aula a professora era bem espontânea. Falava com firmeza com os alunos, mas também demonstra carinho e respeito por eles. Soltava alguns palavrões, mas apesar disso gostei das aulas dela pois eram muito produtivas. Ela não fazia provas, porém avaliava o caderno dos estudantes.

Ela sempre perguntava se eles tinham dúvidas e dava abertura para que pudessem perguntar, não gosta de desrespeito, e tira fora da sala aqueles que desrespeitam as regras da escola, como uns e outros gostam de sair para dar uma voltinha, fazem de propósito para que ela mande ele para fora.

No segundo semestre ela mudou um pouco sua forma de avaliação e entregou uma folha com algumas informações para que eles se auto avaliassem com alguns critérios como comportamento, autonomia, domínio, relacionamento. Eles foram

analisados e ela disse que era para que eles fossem sempre honestos com eles mesmos e que a partir daquele momento eles também iriam se dar nota.

Os alunos estranharam um pouco, com aquele método, mas foi legal acompanhar essa mudança e ver como eles se animaram com a ideia.

Acredito que é de grande importância dar autonomia ao aluno, pois assim eles sentem que fazem parte do seu próprio processo e aparentemente mostram mais interesse em participar das atividades e dos trabalhos que são propostos.

2.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO 1

No primeiro dia na escola os alunos ficaram sem entender o por que eu estava ali, e quando ficaram sabendo que eu fazia estágio e que eu era da universidade ficaram curiosos para saber como era a faculdade. Então expliquei que a faculdade é uma porta aberta para todos e que nos leva a lugares que jamais tinham pensado ou imaginado chegar e nos mostra que a vida é maior que tudo aquilo que podemos querer. É um sonho em branco.

Muitos deles disseram que um dia querem fazer faculdade e que tinham medo de não conseguir, mas falei que tudo tem seu tempo e que com o passar dele eles veriam que não passa de um processo em que vamos, um passo de cada vez e que não era tão difícil chegar lá, que só bastava estudar um pouquinho.

Com a professora Roberta, aprendi muito sobre critérios de avaliação, como é importante dar autonomia para que eles se auto avaliem, assim eles mesmo viam como estão se comportando e como isso era importante para o seu próprio dia a dia e como eles levariam para seu futuro.

Neste estágio me deparei com uma situação bem diferente onde estava chovendo muito e que uma menina estava entrando em pânico e eu não sabia o que fazer, pois nunca tinha passado por isso ou visto algo dessa forma. Foi ali que vi que para ser professor teria que saber mais do que os conteúdos dado na sala de aula.

Figura 7: Dia de estágio com os alunos e a professora.



Fonte: autoria própria

3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Dei início ao meu segundo estágio com a professora Andrea Colicheski Lages, como supervisora, e com o professor Valentin da Silva como mediador na UFPR, no ano de 2022, no Colégio Estadual Mustafá Salomão, que fica em Matinhos, Paraná.

Neste estágio, no primeiro contato com os alunos, conheci o Diógenes, um aluno do sexto ano, que não tinha laudo, porém demonstrava que era autista por ter algumas características bem expressivas de um autista. Meu primeiro contato com ele foi a pedido da professora porque era dia de prova e ele não se concentrava e não deixava os colegas fazerem a prova. Então quando fui falar com ele para ver o que estava acontecendo e por que ele não queria fazer a prova ele me disse que era porque estava muito preocupado. Perguntei a razão e ele me disse que quando ele era bebê sua mãe tinha jogado ele no rio, que se não fosse o pai dele ele tinha morrido. E agora depois de grande e ela queria a guarda dele. E ele tava com medo dela jogar ele no rio mais uma vez. Como não conhecia a história dele ainda, disse a ele que tudo ia ficar bem e que ele já era grandinho e já entendia melhor as coisas e que o pai não ia deixar isso acontecer. Foi quando ele disse que morava com a vovó, porque o pai não tinha tempo de ficar com ele. Então tentei amenizar falando de tudo ia dar certo e que ele iria ficar bem.

No final da aula fui conversar com a professora a respeito desse aluno. Era verdade tudo o que ele tinha me dito, e sim ele realmente tinha falado a verdade que no momento ele morava com a avó e que o pai não era tão presente e que a mãe tinha mesmo jogado ele no rio, mas que a guarda estava com a avó.

Nesse momento, percebi que não estava preparada para esse tipo de situação e como era frágil alguns assuntos e como esses assuntos refletem também na sala de aula. Vi uma necessidade de ter um curso, ou uma especialização nesse sentido. Perguntei para a professora se eles tinham esse suporte do SEED (secretaria estadual de educação) ou do núcleo regional de educação, que hoje é o órgão responsável pelos professores e veio a surpresa que eles não têm esse tipo de suporte ou preparo e quando tem não conseguem participar por ser em horário de aula.

No decorrer do estágio fui convidada para trabalhar na cozinha do colégio, e como gosto de cozinhar aceitei o convite, pensando que seria uma nova experiência, pois teria mais contato com os alunos e poderia ver a rotina deles mesmo fora da sala de aula.

Fiz amizade com muitos deles, e descobri que a maioria são filhos dos meus colegas de escola. Descobrir isso me fez lembrar de muitas coisas da minha infância. De como éramos unidos para tudo, nas traquinagens para inventar uma brincadeira nova, sempre um cuidando do outro, pois nossos pais saiam cedo para trabalhar e nós ficávamos juntos o dia todo. Foi muito bom lembrar esses momentos.

Também conheci outros alunos autistas, como o Diógenes, que eram diferentes pois tinham laudo e tomavam medicamentos, para controlar ansiedade, agressividade, mudanças de humor entre outras características de um autista.

Percebi que há uma grande demanda de alunos que estão com problemas decorrentes da pandemia de 2020 e 2021. Alunos com dificuldades de leitura e interpretação de texto, que não sabem tabuada e uma forte demanda de alunos com diversos tipos de transtornos, um deles o pânico. Alunos se mutilando, o que me espantou muito por acontecer de repente, e com alunos sem nenhum tipo diagnóstico, ou sintomas prévios.

Em alguns momentos dentro da escola fiquei sabendo que vários tipos de abusos, que os alunos acabaram sofrendo em casa. Isso me fez refletir muito, pois talvez, dentro do estágio não ficaria sabendo, e que tudo que acontece em casa reflete na escola. Talvez sem saber disso não saberia lidar com essas situações, dentro da sala de aula. Vi que é de extrema importância essa troca de informação para que tenhamos tempo de nos preparar para esse tipo de situação e outras parecidas que possam aparecer.

3.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO II

Foi a pedido da professora que conheci o Diógenes Aislan camargo Passos, e que bom que ela fez esse pedido porque pude perceber o quanto precisava aprender, e foi através desse aluno que pude ver com outros olhos, a educação como um todo. A partir desse estágio resolvi participar de um dia de planejamento e estudo da escola para ver como estava sendo abordados os assuntos relacionados à escola. Vi que não tinha nada que preparasse o professor para esses tipos de situação. Então fiz alguns cursos online, mini curso sobre autismo e inclusão social, consciência fonológica, contação de história, e extensões: conexão UFPR litoral e comunidade surda para ter uma melhor compreensão e preparo ao me deparar com situações divergentes do cotidiano.

Apreendi que além de professores devemos agir como, amigos, ouvintes, psicólogos, enfermeiros e ter muita paciência para cada situação que vier aparecer, por que depois da pandemia muitas síndromes apareceram.

Uma demanda fora do previsto, onde tem muitos alunos e professores com síndromes e poucos profissionais para atender, onde a inclusão está sendo falha pois não tem profissionais preparados para acompanhá-los em sala de aula e nem nas escolas.

Desafios esses que me fizeram pensar se realmente era isso que eu gostaria de fazer. E assim, apesar de muitos desafios, vejo a satisfação no olhar das professoras que abriram a porta para mim, que cada vez que elas veem um aluno delas na faculdade, em um emprego bom, que realmente vale a pena cursar essa profissão. Elas me disseram que mesmo com tantas dificuldades de estrutura, de dificuldades com as síndromes inesperadas, elas tem orgulho de serem professoras e amam fazer isso, mesmo com pouco podem fazer a diferença na vida dos alunos.

4. ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

Neste estágio participei com minha colega Jéssica e Rita de Cássia, onde o objetivo principal do estágio III era compreender e propor.

Diante disso, primeiramente, conversamos com a professora Andrea de Ciências sobre meu estágio, e como já tinha feito os dois primeiros estágios, então foi mais fácil continuar, com os conteúdos, de um semestre para outro, e assim ter contato direto com as turmas dela, assim pude ver a evolução de cada aluno e suas trajetórias, pós pandemia e nós anos depois. E foi de maneira muito gratificante ser bem recebida por todos;

Vimos junto o melhor assunto para mim aplicar na sala, qual a melhor data que se encaixaria com o assunto escolhido, e trabalhamos nisso para fazer da melhor forma possível para que os alunos participassem e aprendessem.

As vivências docentes, de acordo com o PPP da escola, em conformidade com a professora que utiliza o RCO, como fundamento, para suas aulas.

Tenho um bom relacionamento com todos, alunos, professores e colegas, assim a convivência foi bem fácil. Vi muita dificuldade com os sextos anos onde tem muitas dificuldades com a leitura. Algumas turmas vieram com dificuldade já do ensino fundamental 1. A professora Andrea quando percebe, passa para a pedagoga. Assim o aluno é encaminhado para o PMA ou para outros recursos que a escola beneficia e ajuda o aluno, ajudando na leitura e compreensão de texto, em contas ou outras dificuldades que ele tenha.

Também tive a oportunidade de ministrar uma aula sobre sistema respiratório, e todos os alunos pareceram gostar da aula, receberam muito bem o conteúdo e as experiências que levei, e foi muito satisfatório a prova que a eles realizaram, como aplicação de conteúdo para ver o que eles tinham aprendido, que teve um retorno bom, foi gratificante ver a evolução de cada aluno nesse período, e como é importante a gente ter um olhar mais voltado para o aluno, ver que cada um mesmo com suas dificuldades, tentaram participar, cada um em seu tempo e como foi bom chegar numa sala de aula ser bem recebida pelos alunos e pela professora.

Construí a atividade que seria passada para a turma com a colega Jéssica e Rita de Cássia, decidimos o tema, que seria sistema respiratório, em seguida a metodologia, depois os conceitos que a que abordaria com o tema, então

pesquisamos sobre o assunto nos livros da escola, nos sites do Google Acadêmico, e o que é seria mais importante para que os alunos compreendesse e aprendessem com o assunto, utilizamos o boneco da escola para demonstração e explicação sobre o sistema respiratório.

Primeiramente escolhemos uma data, depois elaboramos os materiais pedagógicos e didáticos e aplicamos a aula para os oitavo anos A e B.

Em sala com o professor Vitor, lemos o PPP da escola Mustafá salomão e separamos os melhores pontos para uma discussão entre todos os alunos da turma, onde vimos que a metodologia dos Três Momentos Pedagógicos (MUNCHEN, FERREIRA e PANIS, 2016), mais se encaixava mais com o perfil da escola, onde vimos a problematização de acordo com a realidade da escola que é bem carente de fins econômicos e financeiros, em seguida vimos a organização do conhecimento para a compreensão da temática da problematização, e enfim a aplicação do conhecimento, assim demos início a uma nova discussão de como elaboraria a minha aula, pensando nessa metodologia.

E como as alunas Jéssica e Rita também estavam no mesmo colégio e com a mesma seria a professora decidimos fazer uma aula em conjunto.

Em seguida conversamos com a professora Andrea, para ver quais seriam os assuntos que ela abordaria naquele semestre, então ela entrou no RCO dela e nos mostrou todos os temas que tinha para o semestre, e mostrou seu planejamento individual, no qual ela se organiza para aquele semestre, e que ia até o sistema cardiovascular, assim o próximo seria o sistema respiratório e que se nós quiséssemos podíamos abordar esse tema com os alunos.

Como era um assunto que nós três contávamos topamos.

Figura 8: foto tirada no estágio III.



Fonte: autoria própria.

Depois de ter definido o tema com a professora, vimos o melhor dia, que foi no dia 15 de maio de 2023, onde aplicamos em sala de aula o conteúdo sobre sistema respiratório, conteúdo de acordo com o RCO e acordado com a professora Andrea.

No dia 15 a professora preferiu não ficar em sala para que nós pudéssemos ter uma melhor experiência com os alunos. Fomos bem recebidas por eles e foi divertido conversar com eles. Demos início com uma dinâmica para quebrar o gelo, perguntamos se eles já sabiam respirar, e muitos disseram que sim, porém com a dinâmica eles perceberam que mesmo sem perceber respiramos de forma errada em alguns momentos. Em seguida falamos sobre o ar que respiramos e mostramos um vídeo do youtube da professora Vilma Ribeiro, com o assunto "o ar que respiramos". Nesse vídeo mostra que a respiração pode ser sentida pelo nosso corpo através da boca e pelo nariz, fala também sobre a composição do ar, fala sobre oxigênio, ar comprimido, e termina com uma experiência no final. Depois do vídeo falamos sobre o sistema respiratório onde foi apresentado a eles um boneco

de anatomia para demonstração do sistema respiratório, boneco que o colégio possuía mas não era usado (e que tivemos que lavar muito para poder usar na aula já que tava bem sujo por não ter uso), e que os alunos ainda não tinha visto.

Figura 9: aula com o boneco anômico do colégio.



Fonte: autoria própria.

Em seguida falamos dos elementos climáticos e suas influências no nosso cotidiano, precipitação e pressão umidade do ar e temperatura. Em seguida mostramos, a relação das doenças com o ar que respiramos, suas características e sintomas e como prevenir. finalizamos com uma experiência do ar comprimido e do pulmão artificial feito com a ajuda dos alunos.

Figura 10: turma que aplicamos nossa aula.



Fonte: autoria própria.

4.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO III

Bom, a minha análise pessoal é que há uma deficiência de material didático e pedagógico na escola em que fiz o estágio 3. Porém providenciamos alguns materiais didáticos com materiais recicláveis para que pudéssemos fazer uma demonstração sobre o pulmão com os alunos apesar de toda a deficiência em questão de recursos e espaços pois não possui um laboratório. Mesmo assim os alunos participaram e pude ver que compreenderam aquilo que a gente estava passando e se divertiram com os experimentos.

Aprendi que com pouco podemos ter uma aula bem elaborada e com recursos feitos pelos alunos, e que a interação com ele melhora muito quando eles tem que colocar a mão na massa fazer os experimentos. Também que tem muitas dificuldades com alguns por terem muitos problemas em casa acabam trazendo para a escola e atrapalha o rendimento e dos outros muitas vezes aprender a lidar com

essas diferenças não é fácil pois sempre é algo novo para cada caso. Tentei trabalhar bem com a minha inteligência emocional, para não deixar-me levar emoção pois muitos relatos não são fáceis de ouvir. Alguns deles de abuso, outros de maus tratos, abandono, fome entre outros.

Aprender a lidar com isso é importante para cada fase da vida acadêmica, e docente para não perder seu senso crítico e sua essência. Percebi também que muitas escolas não vão ter estruturas boas para trabalharmos. Mas se fizermos um pouquinho podemos fazer a diferença, na vida dos alunos, e para sociedade a que elas pertence .

Figura 11: aula sobre sistema digestivo.



Fonte: autoria própria.

5. ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV

Dei início ao meu quarto estágio com a professora Andrea Colicheski Lages, como supervisora, e com o professor Vitor Fabricio Machado de Sousa como mediador, no ano de 2023, no Colégio Estadual Mustafá Salomão, que fica em Matinhos, Paraná. Este estágio foi mais direcionado a como foi as aplicações em sala e como e feita às avaliações em sala, feita pela professora Andrea e como nós identificamos e o que achamos sobre essas avaliações.

Apresento aqui os critérios utilizados pela professora Andrea em sala.

critérios avaliativos

- **cartaz**

- critérios de avaliação: formato da escrita, tema se tem coerência com o assunto abordado, se tem figuras, se sabe o assunto e sabe explicar;

- critérios de recuperação; um novo prazo para entrega.

- **saída de campo**

- critério de avaliação: participação, se respeitou os combinados antes da saída, se fez as coletas quando tem, e em sala e feito um questionário sobre a saída se entenderam se tem dúvidas, ou uma avaliação dialogada para ver se entenderam;

- critério de recuperação: feito um trabalho individual com o aluno sobre o assunto abordado.

- **aula prática**

- critério de avaliação: participação, material entregue no dia certo, se tem tudo que foi proposto, início meio e fim;

- critério de recuperação: feito um trabalho individual com o aluno, sobre o tema abordado.

- **prova escrita**

- critério de avaliação: se acertou as perguntas proposta, se foi coerente na resposta;
 - critério de recuperação: uma nova aplicação;
- **fanzine**
 - critério de avaliação: capa, tipo de letra, assunto corrente, se fez a dobradura correta, se teve criatividade , se teve figuras, colagens;

 - critério de recuperação: fazer em casa e trazer na próxima aula.
- **comportamento**
 - critério de avaliação: se respeita os assuntos abordado, se participa;
 - critério de recuperação: melhora no comportamento;
- **caderno**
 - critério de avaliação: fazer toda tarefa no prazo certo;
 - critério de recuperação: fazer as atividades proposta;
 -
- **trabalhos rochas**
 - critério de avaliação: trazer rochas para exposição;
 - critério de recuperação: através de um trabalho com o tema mas individual
- **trabalho vulcão**
 - critério de avaliação:elaboração do vulcão e explicação sobre o processo da erupção;
 - critério de recuperação: e dado com antecedência para que o aluno possa entregar mas se o aluno não poder entregar no dia é feita uma nova atividade com o mesmo tema para sua recuperação.

- **avaliação oral**

- critério de avaliação: responder corretamente às perguntas direcionadas a cada um ou em grupo;
- critério de recuperação : feito individualmente em seguida ou por escrito.

5.1 CONCLUSÕES E REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO IV

Diante de um cenário onde temos que avaliar o aluno e dar uma nota para seu desempenho seja ele nas provas ou trabalhos, onde o professor é direcionado, pelo estado a mostrar que o aluno está fazendo alguma coisa, os critérios que a professora Andrea, utiliza são muito válidos acredito que pode ser melhorado desde que haja uma maior flexibilidade, para que possamos melhorar a educação e o modo que devemos avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, partindo disso vejo que a muito a melhorar em vários aspectos, um deles e o modo de inclusão como vamos avaliar, um aluno visualmente comum com um aluno com dificuldades cognitivas ou com outras deficiências da mesma forma, acredito que é um ponto que vou ter que descobrir na prática.

Como disse Paulo Freire (2003, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua construção”.

E é pensando nisso que quero construir as possibilidades para um novo caminho como uma grande professora de Ciências.

Aprendi vários métodos de avaliação e por outro lado percebo a necessidade de instrumentos avaliativos mais coerentes e com políticas públicas voltadas para a educação.

Assim os alunos devem ser mais compreendidos para que possam se expressar e mostrar o que aprenderam, afim do professor avaliar seu conhecimento adquirido, e melhorar suas estratégias pedagógicas para uma aprendizagem mais significativa.

Utilizando alguns métodos durante o estágio como portfólio, mapas mentais, gamificação, prova escrita, pude perceber que contribui para a dinamização da disciplina. Assim mostraram que é importante o registro diário para o controle não só

das atividades da escola mas do dia a dia, e assim eles conseguem se auto avaliarem e conseguem perceber o quanto fazem parte de seu próprio processo e alinhar seu rendimento e destacando aquilo que compreendeu e pode avaliar o essencial para o aprendizado da disciplina. Por sua vez os conceitos com mapas mentais, apresentam instrumentos para mapear e acompanhar os conteúdos auxiliando com imagens para uma melhor assimilação, assim como a gamificação que hoje é o mais esperado pelos alunos pois é o conteúdo que mais está presente no seu dia pois as redes sociais e jogos fazem parte do diálogo e realidade deles, assim a repetição, ajuda na memorização por meio do uso cibernético e os conteúdos com interatividade e competição, têm mais atenção, que os outros métodos. Vejo que a prova escrita é aplicada para mostrar os resultados para o sistema de ensino e seus familiares, mesmo assim a prova feita através do papel poderia ser pensada de forma mais criativa e contextualizada para que o conhecimento seja mais apreciado pelos alunos.

Nestes estágios percebi que cada turma reage de uma forma, e que o ensino e aprendizagem percorrido por professores e alunos têm muitas lacunas e problemas na aprendizagem, reforçando a necessidade de que temos que mudar nosso jeito de pensar e melhorar o ensino de ciências, com mais criatividade para uma educação de qualidade e igualdade para todos.

E por fim tive o prazer de acompanhar três professoras totalmente diferentes, assim ampliei meu conhecimento e meu modo de agir em determinadas situações, como avaliar cada aluno, com suas dificuldades, e como incentivar cada um deles a melhorar seu desempenho.

Percebi que muitas vezes os alunos querem só ser ouvidos, e a opinião deles também faz a diferença, na hora de ensinar.

6. PIBID

Experiência vivenciada no colégio Estadual professora Abigail dos Santos Correia, com a supervisão da professora Ceila, e orientador professor Vitor Fabricio Machado Sousa.

O objetivo principal foi conhecer a turma do 7 ano C, acompanhar o desenvolvimento no decorrer das aulas, discutindo artigos relacionados para um melhor entendimento.

No primeiro mês observamos a rotina dos alunos e traçamos um perfil, e em reuniões vimos algumas questões, e estratégias de investigação. Lemos alguns artigos como: atividades investigativas como promotoras da argumentação no ensino de ciências, e o outro o ensino de ciências no brasil, histórico, formação de professores de ciência.

Para conhecer melhor a turma perguntei a professora Ceila, se poderia fazer uma atividade com os alunos, e ela foi bem positiva e me cedeu uma aula dela, a atividade proposta para os alunos era escrever um pouco sobre sua história de vida, nesse texto pedi que colocassem seu nome, nome de seus pais, essa pergunta com o objetivo de saber se eles conheciam seus pais, e se moravam com eles, para não ser uma pergunta direta, pedi para eles colocarem onde nasceram, e no final para descontrair que colocassem que tipo de aula eles gostariam de ter assim poderia fazer um projeto relacionado ao assunto que eles gostariam de ver .

O resultado dos textos foram surpreendentes, descobri uma aluna com três teses publicadas, um aluno com deficit, outro aluno filho de traficante e muitos outros bem tímidos na escrita que não se abriram muito.

Em seguida, fizemos alguns questionários onde incrementamos os textos dos alunos que não escreveram muito mas que nos deu um olhar mais amplo sobre a turma.

Descobrimos uma falta de engajamento com as turma e pensamos em reuniões com o professor Vítor de que forma poderíamos melhorar isso. Pensamos em vários projetos e definimos que iríamos trabalhar em um projeto de condução de calor, com os alunos, então iniciamos a construção, de materiais didáticos, e em experiências para mostrar e fazer com os alunos.

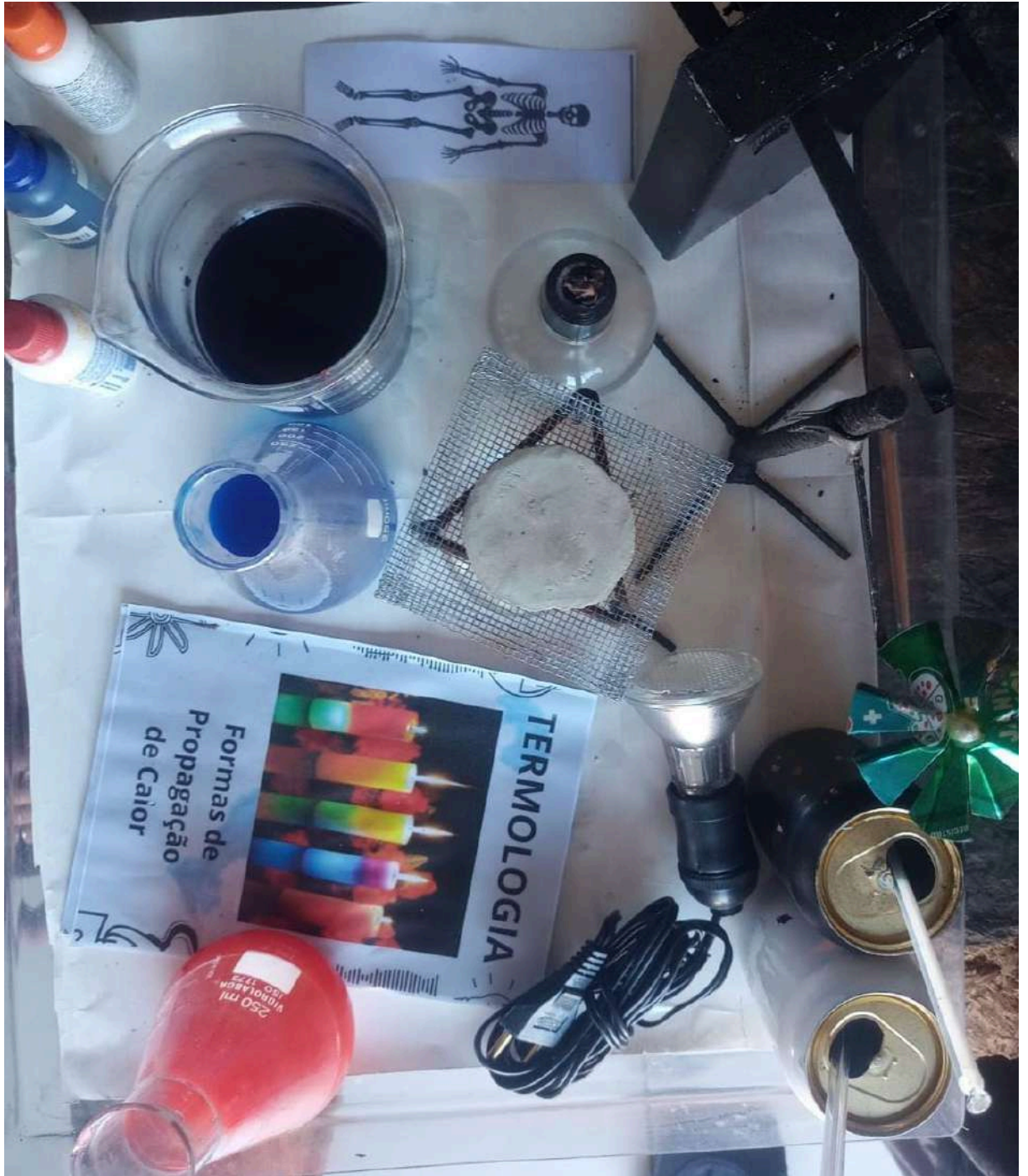
Montamos um kit de experiências, onde fizemos demonstrações, com a ajuda de alguns alunos, que sempre ficam mais quietos assim eles também participaram com toda a turma, além das experiência também pedi que trouxessem o seu celular para que todos participassem em conjunto imprime uma caveira onde eles tinham que tentar ver com a lanterna do celular e também pedi que eles procurassem pesquisadores que participaram de alguma forma na descoberta da terminologia.

Figuras: 12. kit experiência termologia.



Fonte: autoria própria.

Figuras 13: kit experiência termologia.



Fonte: autoria própria.

Figura 14: turma do Pibid de 2023, professora Ceila, professor Vitor e colegas da faculdade Jonathan e Juliano.



Fonte: autoria própria.

Figura 15: Turma do colégio Abigail dos Santos Correia, 7 ano C.



Fonte: autoria própria.

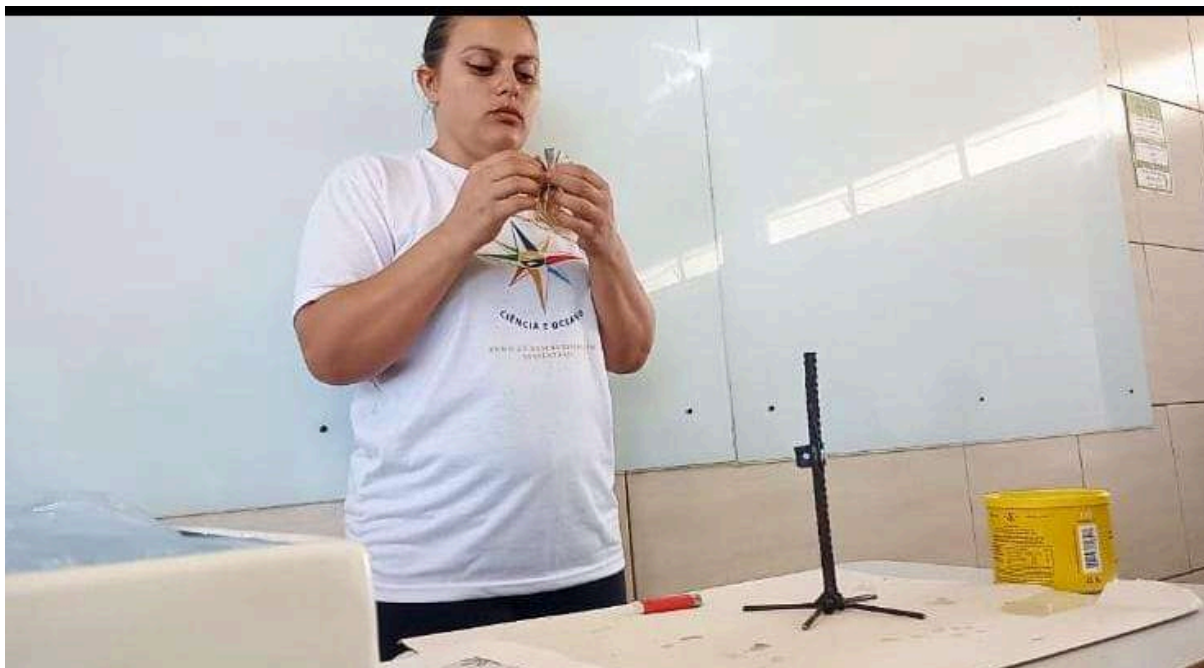
Minha aula foi aplicada no dia 29/11/2023, com a turma do 7 ano C, alunos muitos curiosos, atentos e receptivos me receberam super bem. Foi uma experiência muito boa trabalhar com essa turma, fiz algumas descobertas com a ajuda dos textos que havia pedido no início do meu estágio me ajudou muito, pois dessa forma consegui atrair a atenção de todos positivamente em minha aula e melhorar o engajamento entre eles.

Figura 16: sala de aula 7 ano c com a atividades em mãos.



Fonte: autoria própria.

Figura 17: Montagem dos experimentos, em sala de aula.



Fonte: autoria própria.

7. SAÍDAS DE CAMPO

Para mim as minhas saídas de campo pode me proporcionar muitas observações importante para transmitir para a sala de aula, me mostrou que temos uma infinidades de possibilidades de encaixar as diferentes pessoas com ou sem deficiência sempre respeitando seus limites e proporcionando a elas uma experiência de inserção na sociedade com respeito e carinho.

Aprendi a valorizar e cuidar para que todos tenham seus direitos respeitados e incluídos nas atividades. E como isso faz diferença na vida das pessoas com ou sem deficiência.

Vi que passar um tempo, um dia ou algumas horas em contato com os indígenas, ou com uma comunidade que cuida de pessoas com algum tipo de deficiência seja ela qual for, me fez ver como temos muitas opiniões erradas e pré conceitos errados, com relação a essas pessoa, hoje penso e pesquiso, mais antes

de questionar ou dar minha opinião sobre qualquer assunto, para que também não possa passar informações ou demonstrar opiniões erradas, sobre um comunidade que cuida dessas pessoas com tanto carinho.

As experiências vivenciadas em cada saída me fez refletir muito e me ajudou a melhorar meu modo de ver as coisas. Compartilhei de companhias de diferentes turmas e conheci muitas histórias inspiradoras, que vou levar para a sala de aula.

Figura:18 Saída de campo eco sorriso em Curitiba, São José dos Pinhais.



Fonte: autoria própria.

A EquoSorriso é uma organização sem fins lucrativos que atende crianças e jovens com deficiências, bem como profissionais com sintomas de depressão e síndrome de Burnout. Desde sua criação, a organização atendeu mais de 600 pacientes, a partir de dois anos de idade, nas sessões de equoterapia. O amor de uma jovem por cavalos crioulos e seu desejo de revolucionar o mundo de crianças com deficiências resultou na fundação da EquoSorriso em 2013. Criada como uma homenagem ao legado de Rubia Collect, que faleceu aos 17 anos, a ONG, que oferece equoterapia para potencializar crianças e adolescentes para a vida social,

familiar e escolar em São José dos Pinhais (PR) recebeu esse nome devido aos largos sorrisos estampados no rosto da adolescente.

Figura:19 Saída de campo para conhecermos o tratamento de água, de matinhos e visita ao cem (centro de estudos do mar).



Fonte: autoria própria

Figura 20: Saída de campo para Palhoça SC. visita na (PRÓ CREP).



Figura 21: Saída de campo para a comunidade do rio da onça em matinhos PR.



Fonte: autoria própria

Figura: 22 Saída de campo para a aldeia indígena na ilha da cotinga, em Paranaguá PR. IGREJA ANTIGA DENTRO DA ALDEIA.



Fonte: autoria própria.

Figura 23: Saída de campo para aldeia guarani em mandirituba curitiba PR.



Fonte: autoria própria.

Figura 24: Saída para o rio de janeiro, jardim botânico.



Fonte: autoria da professora Camila.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demorei muito para entrar na faculdade - fiquei fora da escola por mais de 12 anos - estava muito empolgada para começar, e finalmente consegui entrar e não foi como eu imaginava me vi muito perdida, como se estivesse em um quarto escuro. Não conseguia ver as muitas informações passadas na primeira semana, e não sabia nem como ia usar todas elas, não conseguindo gravar nenhuma. Era sobre projetos, Prohem, Prograd, auxílios, sobre como usar o convênio médico da faculdade, entre outros. Apesar de tudo isso ser meio confuso, tive uma boa recepção na sala de aula, com muito carinho e atenção. Me lembro de uma saída de campo na primeira semana que tivemos aula, fomos a praia com o professor Valentin, fizemos uma dinâmica que tínhamos que sair em dupla um vendado e o outro sem a venda para conduzir o que estava de venda. Quem foi até a praia vendado voltou conduzindo, e quem foi conduzindo voltou vendado. Essa dinâmica me mostrou o quanto podemos confiar e contar com o colega na faculdade que mesmo que os passos não são iguais podemos trilhar nossos próprios passos, e o mais legal para mim e que fiz essa dinâmica com a acadêmica Sharon e somos amigas, parceira fiel incentivadora uma da outra, cuidando e apoiando para que as adversidades do dia a dia não atrapalhasse nosso objetivo que era sair formadas. Já na segunda semana muitos rumores sobre um vírus diferente e que acabou fechando a faculdade. Muitas incertezas de como iríamos proceder nesse período. Tive muitas dificuldades com a tecnologia, pois foi o único meio de comunicação para continuarmos com as aulas, fizemos dois anos e meio de aula online. Aprendi muita coisa, mas fiquei com a sensação que poderia ter aprendido mais presencialmente. Muitas vezes a internet caía ou o filho falava alguma coisa enquanto estava na aula. Creio que a aula presencial que pude participar depois de dois anos e meio foi muito construtiva pois pude prestar mais atenção e participar mais e, com isso, tive a oportunidade de conhecer pessoas novas de outras turmas que foram entrando em meio a pandemia e somaram no meu aprendizado. Pessoas que me ajudaram a ter um olhar diferente sobre muitas coisas que eu nem sabia, fiz amizades que vou levar para uma vida toda.

Também conheci professores muito bons, que me ajudaram muito com questões que vou enfrentar na sala de aula e me mostraram a importância de ter um olhar diferenciado para cada aluno pois eles são todos diferentes e cada um tem o seu próprio tempo de aprendizado. Com as aulas presenciais pude participar de saídas de campo que me fizeram aprender muito sobre o outro, me fez refletir o quanto eu vivia em um mundinho só meu, me fez entender o quanto devemos ter empatia com o outro, com a opinião do outro importa, como entender as necessidades de um aluno autista, ou com deficiências diversas. Aprendi como a comunidade indígena é pouco vista pela sociedade como a nossa própria comunidade não tem assistência que deveria. Descobri como a educação é precária e não é valorizada. Vi durante os estágios que fiz que nem tudo é como eu lembrava de quando eu era a aluna, vi que a sala de aula vai além de quatro paredes que um aluno pode mudar tudo o que você planejou para aquele dia de aula, muitas vezes a professora que eu acompanhava na escola me mostrava o seu planejamento para aquele dia mas quando chegava na sala era tudo novo as coisas iam acontecendo e acabava que ela adaptava sua aula de acordo com o ambiente que a sala estava, e acabava dando certo, passava o conteúdo de outras formas mesmo que não tenha sido como tinha planejado. Pude perceber no meu primeiro estágio o quanto não estava preparada para a sala de aula, no dia 22 de março de 2022, na primeira aula de estágio conheci um aluno com autismo, com comportamento diferente de tudo que tinha visto, bagunceiro, debochado, brincalhão e agressivo, fazia da sala seu palco, eu não sabia o que tinha que fazer, pois me perguntei várias vezes como me comportaria se eu fosse a professora dele, e não tinha nenhuma ideia do que eu realmente teria que fazer.

Vi muitas vezes a professora tendo que parar a aula para chamar a atenção dele ou tendo que chamar a pedagoga para falar com ele pois não parava quieto não deixava a professora passar o conteúdo sem que ele implicasse com algum colega e atrapalhasse a explicação. Pensei em desistir vendo aquele cenário, naquele dia difícil a professora me pediu um favor, que ajudasse ele a fazer uma prova sobre atmosfera, uma prova bem fácil e com uma questão escrita e quatro com alternativas. Então respirei fundo e fui ajudar ele, coloquei uma cadeira perto da dele, e perguntei você tem alguma dúvida quer ajuda, e ele me respondeu: “não vou fazer”. Não sabia nem o que falar mas, com calma e paciência fui conversando com ele e aí ele me disse algo que me fez refletir. Ele me disse que não queria fazer por tava com medo, e perguntei medo do que? - ele me disse: “tô com medo da minha mãe ela me jogou no rio quando eu era um bebê”. E que o pai dele que tirou ele do rio e que agora que ele tava grande ela queria a guarda dele, e ele tava com medo dela ganhar a guarda só para logar ele no rio de novo. Nesse momento falei que o pai não iria deixar ele ficar com a mãe e que ia dar tudo certo. E ele me disse que o pai já não morava com eles mais, e ele tava morando com a avó. Então disse tenha calma vai dar tudo certo e fui conversando e fazendo a prova e ele fez tudo direitinho. No final da aula fui falar com a professora contar o que ele me tinha dito e saber se era verdade e sim era tudo verdade. Então percebi que um pouco do comportamento dele era por causas emocionais e passei a ver com outros olhos aquele aluno procurando entender ele em cada momento que ele tinha alguma crise de comportamento. E foi através dele que entendi e outros alunos com diferentes tipos de deficiência. Depois de algumas semanas a escola conseguiu um professora que o acompanhasse nas aulas, e vi o comportamento dele mudar, passou de ano e no ano seguinte ele começou o ano com um professor nova para acompanhar ele nas aulas, esse professor era muito legal com ele e dava para ver como o aluno estava gostando de estar com ele, mas no meio do segundo semestre o professor ficou doente e veio uma outra professora para substituir ele so por uns dias. Mas o professor veio a falecer e a professora acabou ficando no lugar dele. Ele ficou muito triste, mas a professora conversou muito com ele e aos poucos ele foi melhorando. Vi o crescimento dele com a leitura e ele vinha me falar com tanta empolgação que me deixa tão feliz, de poder acompanhar a evolução dele desde comportamento a melhorar seu vocabulário, a ler por que ele não sabia muito.

Depois desta experiência que no começo me deu medo e refleti muito sobre como eu seria na minha sala de aula e como estaria pronta para esse tipo de situação. Então decidi fazer alguns cursos online sobre, autismo e inclusão social, TDAH, para me ajudar quando aparecesse situações em que eu não saberia como resolver, ou ajudar.

Nos estágios, vi também uma falta de materiais didáticos, livros, que muitas vezes não tinha para todos, e a professora acabava colocando eles para fazer de dois em dois para poderem utilizarem os livros, os computadores que muitos estavam sem botões ou com a bateria viciadas, ou que nem entrava na internet. Os educatrons que não funcionavam direito com o áudio ruim ou demorando para conectar com a internet. Muitos desses materiais eram para facilitar e ajudar os alunos com as novas tecnologias que estão aparecendo, mas acabam só fazendo com que os alunos perdessem a motivação, porque eles ficavam empolgados com a ideia de fazer as tarefas no computador.

Mesmo com tantas dificuldades com que vi durante o estágio hoje não me vejo fazendo outra coisa que não seja estar na sala de aula. Poder ajudar um aluno que não parava quieto e agora é um dos melhores da turma dele é muito empolgante para mim e realmente aprendi com as diferenças que veio surgindo ao longo desse caminho que é a faculdade.

Ser criativo é uma qualidade bastante valorizada, pois em qualquer situação a criatividade é bem-vinda. Há quem diga que essa característica é um dom, mas eu acredito que é possível desenvolvê-la de formas simples no dia-a-dia priorizando a inclusão sempre.

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos aos professores e mentores que compartilharam seus conhecimentos, e me guiaram nessa jornada educacional. Seu comprometimento e disponibilidade de seu tempo foram essenciais para eu pudesse chegar até aqui, obrigado por isso. Por fim, sou grata a todos que de alguma maneira cruzaram meu caminho, mesmo que brevemente. Obrigado por cada palavra gentil e inspiradora que impactaram minha vida pessoal e acadêmica.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 146 p. (Coleção Leitura)

MUENCHEN, Cristiane; FERREIRA, M. V. ; PANIZ, C. M.. Os Três Momentos Pedagógicos em Consonância com a Abordagem Temática ou Conceitual: Uma reflexão a partir das pesquisas com olhar para o Ensino de Ciências da Natureza. **Ciência e Natura**, v. 38, p. 513-525, 2016.

PARANÁ. PPP - **Projeto Político Pedagógico. Colégio Estadual Mustafá Salomão**- EFM. Matinhos, PR (2022/2023).